

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semestre 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º à entrega	5.º ANNO — VOLUME V — N.º 117	REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO LISBOA — 43, RUA DO LORETO, 43 — LISBOA
Portugal (franco de porto, moeda forte)	25800	12900	8950	8120	21 DE MARÇO 1882	Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.
Possessões ultramarinas, (idem).....	48000	24000	16000	14400		
Estrangeiro (união geral dos correios)	58000	29000	19333	17466		
Brazil (moeda fraca).....	158000	79000	52666	47333		

SUMMARIO

TEXTO — Chronica Occidental, GERVASIO LOBATO — As nossas gravuras — Capella de Nossa Senhora da Saude em Moçambique, AUGUSTO DE CASTILHO — Exposição Retrospectiva de Arte Ornamental, em Lisboa, R. — Salão de Quadros, MONTEIRO RAMALHO — Uma Tourada em Lima, nos tempos coloniaes, FRANCISCO D'ALMEIDA — Actualidades Scientificas, Conservação dos Cadaveres por meio da petrificação, XAVIER DA CUNHA — Sapatos de Defuncto, LEITE BARTOS — Publicações.

GRAVURAS — D. Antonio Sebastião Valente, novo arcebispo de Goa — Salão de Quadros, A Seara invadida, quadro de Malhoa — Luis de Campos — Africa Portuguesa, Moçambique, Capella de Nossa Senhora da Saude — Ruínas da casa do Alfageme de Santarem — Enigma.

tir á representação de uma peça de Sardou, levo sempre comigo a doce esperança de poder dizer ao sahir do theatro: «Decididamente Sardou não é simplesmente um continuador de Scribe.» Vi a *Odette*, e ao cahir o panno sobre o ultimo acto, ainda d'esta vez não tive occasião de collocar a minha phrase.

Effectivamente, entre Sardou e Scribe, ha parecências notaveis, e desastrosas para o primeiro: sobretudo a *ficelle*, a identidade do processo e a falta de humanismo em todos os seus personagens: ha, porém, entre elles, uma differença sensivel, enorme, e no fim de tudo aquella que dá

a Sardou os seus grandes successos theatraes, é o estylo, a *verve* torrencial, enorme, que inunda todas as suas peças e deixa submergidos todos os seus defeitos. Na *Odette*, porém, esta qualidade de Sardou desaparece muito, mas em compensação surgem n'ella novas e brilhantes qualidades.

O primeiro acto da *Odette* por exemplo, é um acto inteiramente novo em toda a obra theatral de Sardou, um acto que denota evidentemente uma transformação sensivel na maneira do author da *Fernanda*, e que se fosse seguido de mais tres actos assim, faria da *Odette* um drama profundamente humano, e uma obra litteraria notavel.

N'esse primeiro acto, Sardou abandona os seus antigos primeiros actos, enxameados de figuras accessorias, incidentaes, insignificantes, e lança-se vigorosamente, no drama, como ás vezes o faz Dumas filho, e como o faz sempre Augier, e como o fazia aquelle pobre Tourade que se tivesse vivido mais tempo, seria talvez hoje um dos primeiros dramaturgos da França.

No 1.º acto da *Odette* o drama desenha-se logo nitidamente, crua-mente, sem rodeios inuteis, e a situação achase *posée* com uma simplicidade brutal talvez, mas verdadeira e vigorosa a que não estamos habituados nas peças d'esse *boulevardier* espirituosissimo que se chama Sardou.

No 2.º acto porém, o auctor do primeiro acto da *Fernanda*, do primeiro acto da *Benoiton*, do primeiro acto dos *Solteirões*, reaparece outra vez. A acção tão vigorosamente accentuada no primeiro acto embrulha-se n'aquella meada enorme de personagens accessorios, perde-se no meio de incidentes inuteis, arrasta-se demoradamente por esse acto fóra, pelo seguinte, e só torna a surgir no fim do terceiro acto, n'uma scena bem achada, para terminar n'um quarto acto esplendido, vigoroso, vibrante de commoção, prejudicado comtudo e enormemente pela falta de verdade e vida nos personagens e por um final d'um romantismo banal e piegas que nos faz pensar outra vez no sr. Scribe.

CHRONICA OCCIDENTAL

Comecemos pela *Odette*

Apesar de todos os seus defeitos, a ultima peça de Sardou, que foi um acontecimento em Paris, não pôde deixar de o ser tambem entre nós, onde a vida theatral é muito menos ruidosa, movimentada, brilhante e rica, que a vida theatral actual de Paris, mesmo com toda a sua visivel decadencia.

E mesmo o ruido que o publico e o jornalismo francez fez em torno da *Odette*, prova evidentemente essa decadencia.

E a decadencia theatral da França traz fatalmente consigo a decadencia theatral de todos os povos latinos, que não tem litteratura sua, original, independente, — como a tem os inglezes, os allemães, os suecos, os russos, — e cuja elaboração dramatica é perfeitamente e exclusivamente moldada pelos modelos parisienses.

Um dos novos criticos theatraes da França, Jean Richepin, disse, a respeito de Sardou e da *Odette*, uma phrase, que não sendo, talvez, em absoluto verdadeira, desenha, comtudo perfeitamente, o perfil litterario do festejado dramaturgo.

— Quando vou assis-



D. ANTONIO SEBASTIÃO VALENTE, NOVO ARCEBISPO DE GOA

(Segundo uma photographia de Camacho)

Choveram em França, a proposito d'esta peça, as accusações de plagiato contra Sardou, e uma d'essas accusações, minuciosamente formulada, chegou a ser levada aos jornaes, com o nome do seu auctor firmando-a, e Sardou teve que responder a ella. Essa accusação era de Mario Uchard, que provava, comparando a acção dramatica das duas peças, que o enredo e as situações da *Odette*, era exactamente o enredo e as situações da sua *Fiammina*, peça que ha annos fez ruido em Paris, e se representou, traduzida, no theatro de D. Maria.

A accusação que faz Mario Uchard, pôde fazer a Giacommetti com a sua *Culpa vinga a culpa* — que em italiano e em portuguez foi já tambem representada em Lisboa — e podem-n'a fazer uma immensidade de auctores dramaticos e de romancistas, porque a idéa capital da *Odette* é já hoje uma perfeita banalidade no theatro.

Ainda assim, e por isso mesmo, porque seguiu a tantos, essa idéa é profundamente dramatica, e se Sardou tivesse creado uns personagens reaes, se tivesse substituído os manequins, mais ou menos aperfeiçoados das suas peças, por creaturas humanas, teria feito d'essa idéa velha um drama novo e excellente.

Não fez, pela tal razão de Richepin, porque ainda não se pode dizer que elle não seja simplesmente um continuador do sr. Scribe, e a *Odette* é por isso apenas uma obra de *fazedor* habil, em vez de uma obra d'arte, e, ainda assim, n'esse genero, uma das menos brilhantes pelas scintillações de espirito, e pela galeria comica de *typos-marionettes*, do auctor da *Familia Benoiton*, e do *Divorçons*.

Temos gasto espaço de mais com esta peça, mas é ella a novidade grande de Lisboa. Do seu desempenho no theatro de D. Maria diremos muito rapidamente que foi em geral correcto nos personagens principaes, e desgraçadissimo nos secundarios; pondo no primeiro plano d'aquelles, Brazão, que nos pareceu magnifico em toda a peça, e sobretudo no ultimo acto, Augusto Rosa, João Rosa, e Rosa Damasceno, e exceptuando nos papeis secundarios Joaquim d'Almeida, que fez esplendidamente um pequeno papel de criado no 2.º acto, e Maria Adelaide, que faz muito bem um pequenino papel de *coquette*.

O *mise-en-scene* é apurada, e o scenario bom. Dissemos ha momentos que a *Odette* tinha sido a novidade grande de Lisboa n'estes ultimos dias. Não foi, infelizmente. A novidade maior foi uma tragedia inverosimil e pungentemente real que se representou n'uma pequenina e prosaica mercearia da rua do Bem Formoso.

Sabem já decerto — não se tem fallado d'outra coisa, por ahí — todos os promotores d'esse crime imbecil e cobarde. Um gallego de 19 annos, quasi imberbe, com uma cara seraphica, mette-se a occultas debaixo da cama d'um merceeiro seu amigo e benfeitor, e de noite, esfaqueia-o vilmente, enquanto dormia, simplesmente para lhe roubar o dinheiro que o pobre homem tinha, mata-o inutilmente, pelo simples prazer de matar sem que essa morte fosse de modo algum necessaria para o bom exito do seu roubo!

É um crime selvagem, estúpido, ignobil, um assassinato sem motivo, sem aproveitar nada ao assassino, um d'esses assassinatos como não se commettiam em Lisboa desde os tempos de Diogo Alves, de infame memoria.

A população de Lisboa ficou justamente indignadissima contra este vilissimo crime.

É extraordinaria a corrente enorme de crimes que passa agora pela Europa. Abrem-se todos os dias os jornaes estrangeiros e columnas e columnas dos noticiarios são exclusivamente cheias com a narrativa de assassinatos monstruosos, de roubos extraordinarios, de tragedias horribes como nunca as imaginára Eschylo, de crimes extravagantes como nunca os phantasiou Ponson du Terrail.

O crime da rua do Bem Formoso podia ter facilmente as consequencias mais dramaticas: se o assassino consegue evadir-se, como conseguira se não fosse o guarda nocturno, todas as suspeitas do crime recairiam fatalmente sobre o pobre lórpa do marçano, que dormia muito socegado no seu cubiculo enquanto assassinavam o patrão e que na manhã seguinte acordaria tendo contra si uma accusação tremenda, que seria quasi impossivel desmentir, e a historia dos processos celebres enriquecer-se-hia com mais uma d'essas paginas dramaticas e negras, que são o pão quotidiano dos dramaturgos de *boulevard*, e dos romancistas a *sensation*, e que se chamam — erros judicarios.

Uma nota curiosa e profundamente logica na nossa terra. O assassino foi preso por um cabo de policia. E sabem o que fez logo no dia immediato o sr. governador civil? Deu ordens ter-

minantes a todos os regedores, para que se desse a exoneração a todos os cabos de policia!

— Outra nota muito curiosa e caracteristicamente portugueza e actual.

Sabem de que a camara municipal de Lisboa trata agora, que o verão se aproxima e que as febres de mau caracter começam a surgir por todos os lados? De discutir uma nova tabella para os trens de praça, augmentando todos os preços actuaes!

O serviço dos trens de praça era já muito bem feito e muito barato, toda a gente o sabe. Em Paris o preço d'uma corrida é 1 franco e 25 centimos, em Madrid uma peseta, em Lisboa era muito mais: tres tostões.

Pois a camara municipal acha que era ainda barato para a belleza do serviço e para as excellentes condições pecuniarias da vida em Lisboa, e vae tratar de elevar mais um tostão n'esses preços!

Achavamos que, visto a camara municipal insistir em não querer tratar da salubridade de Lisboa e em querer tratar das tabellas das carruagens, faria melhor em tratar da diminuição dos preços nas segas d'enterro, para que ao menos os seus municipes fossem conduzidos ao cemiterio, cujo caminho ella trata de lhe aplanar carinhosamente, com certa economia.

— Falleceu na semana passada, repentinamente, a esposa do nosso presado amigo, o grande poeta brasileiro, Luiz Guimarães Junior, secretario da legação do Brasil em Lisboa.

N'estes momentos terriveis, e diante d'estas dôres gigantes, ha só dois tributos a prestar: um aperto de mão silencioso, ou uma elegia dolorida e resplandecente, como escreveu Julio Machado.

Nós, apertamos silenciosamente a mão a Luiz Guimarães.

Gervasio Lobato.

AS NOSSAS GRÁVURAS

O ARCEBISPO DE GOA

D. ANTONIO SEBASTIÃO VALENTE

Suscitou grandes controversias a recente nomeação do sr. Antonio Sebastião Valente para o altissimo cargo de arcebispo de Goa, primaz do oriente!

Os protestos energicos contra essa nomeação feita pelo actual ministro da justiça, então ministro da marinha, amigo e condiscipulo do nomeado, fundavam-se essencialmente, em não ser o sr. D. Antonio Sebastião Valente portuguez e em ser excessivamente reaccionario e ultramontano.

O OCCIDENTE é completamente alheio a essas controversias, e nada tem que ver com a justiça ou injustiça da nomeação. O sr. D. Antonio Sebastião Valente foi elevado á alta dignidade de arcebispo de Goa, vae já caminho do seu arcebispado do Oriente, e nós publicando o seu retrato, nada mais fazemos do que cumprir estritamente o nosso programma, registrar todos os acontecimentos e todas as physionimias, que por qualquer forma se põe em evidencia na vida portugueza.

O actual arcebispo de Goa é muito novo, e poucos tem chegado áquella alta dignidade ecclesiastica, ao principado da egreja, em tão curta idade: tem apenas 36 annos.

Nasceu no Porto de Santa Maria (Hespanha) em 20 de janeiro de 1846 e é filho do sr. João Maria Valente ainda vivo e actualmente medico em Cascaes.

A sua vida é curta e não se presta a longa biographia.

Na rapidez com que subiu de alumno da Universidade ás imminencias do magisterio está a prova do real valor da sua alta intelligencia e de uma rara tenacidade.

Em 1865 Antonio Sebastião Valente matriculou-se na Universidade de Coimbra na faculdade de theologia: d'alli a cinco annos formava-se n'essa faculdade em que se doutorava dois annos mais tarde, em 1872.

Em 9 de junho de 1875 foi nomeado substituto da faculdade de Theologia, lugar de que tomou posse em 1 de julho do mesmo anno e em 14 de setembro do anno immediato foi promovido a cathedratico, tomando posse desse lugar em 19 d'outubro seguinte.

Em 2 de maio de 1881 foi nomeado pelo sr. Julio de Vilhena, arcebispo de Goa.

Acérrca d'esta nomeação corre uma anedocta curiosa, com que fechamos esta rapida noticia biographica.

O sr. Julio de Vilhena foi condiscipulo de D.

Antonio Sebastião Valente na universidade. N'um dia de acto, conta-se que o sr. Julio de Vilhena se esquecera da sua dissertação no momento de ser chamado a lê-la. Ao lado d'elle estava Antonio Valente, que lhe deu a sua, salvando-o assim do seu embaraço.

A sahida o sr. Julio de Vilhena, dissera segundo conta a lenda, que de forma alguma garantimos:

—Deixa estar, que se eu um dia fôr ministro faço-te logo bispo.

Esse dia chegou: o sr. Julio de Vilhena é ministro da marinha e nomeia logo Antonio Sebastião Valente, arcebispo de Goa.

LUIZ DE CAMPOS

Conhecia-o desde a sua entrada para o Real Collegio militar, e de então até ao fim da vida conservei sempre por elle uma affeição sincera. Um mez pouco mais ou menos antes do seu desaparecimento, encontrei-o n'um americano, vindo de ver a casa onde devia soltar o ultimo alento, e onde julgava ir encontrar alivio. Havia tempos que o não via, apesar de saber todos os dias d'elle e fez-me profunda impressão o seu aspecto cadaverico. Eu estava acostumado, havia trinta e sete annos, a ouvir dizer de quando em quando que elle estava á morte, e a encontrá-lo d'ahi a dias que parecia são. Mas n'aquelle dia senti de mim para mim que o seu fim não podia estar longe. Acompanhava-o aquelle anjo de bondade que lhe suavizou as torturas dos ultimos annos de existencia.

Quando elle me lia o seu *René* por um dia desabrindo de vento e nevoeiro á entrada da patriarchal queimada, quando o encontrei, e trocámos um abraço apertado, em Coimbra, andando todo entregue ás peripecias da sua primeira candidatura a deputado, quando depois o vi resurgir d'aquella doença que o teve na cama tanto tempo no Hotel Universal, ha cinco para seis annos, nunca julguei que elle desaparecesse tão cedo. Tinha um verdadeiro talento entusiasta, elevado, generoso; não descia da altura ideal onde se tinha erguido, para cortar as azas do anjo da poesia e deixá-lo cair no tremedal, onde outros folgam de o ver revolver-se. A primeira concepção que tivera d'esta sublime manifestação do pensamento, fizera-o conservar-se sempre no seu meio, sem adherir ao turbilhão da escola moderna que tudo julga avassallar e vencer. As suas poesias, os seus dramas bem alto testemunho dão da sua maneira de entender a arte.

Depois de como poeta sentimental ter ganho largos foros á nossa admiração, entrou na liça do theatro e logo com um drama historico: *D. Leonor de Bragança* tratando um facto, que é uma verdadeira tragedia. O assumpto era escabroso, Luiz de Campos não o venceu de todo; contudo n'esse drama a par de alguns defeitos ha muitas bellezas, que teriam ganho muito se o auctor tivesse reduzido a acção a tres actos. Depois vieram as *Almas de Ouro* que estava composto antes, e tinha escripto tambem *Um voto no seculo XV*, e o *Amor pelo remorso*.

Muitas poesias andam dispersas por varias folhas periodicas, sendo as de maior vulto a *Granadina*, e *Maria*. Acima mencionei um poemeto, que elle intitulava o seu *René*, e era tomado o assumpto do celebre episodio de Chateaubriand, e que vi concluido em 1853. Não sei o que lhe fez depois. Era em verso solto e de versificação primorosa.

Luiz de Campos era heirão. Devido talvez a essa circumstancia foi que a sua constituição pôde resistir tantos annos á fatal doença que o perseguiu durante mais de trinta annos. Tinha a estatura mediana, o rosto oval, cabellos pretos encaracolados, bigode e pera preta, um tanto pallido, olhos vivos e expressivos, a falla sonora e facil, a phrase sempre prompta, correcta e quente.

Nasceu em Farminhão no 1.º de março de 1833, e era uma das coisas que elle almejava nos seus ultimos dias, chegar ao menos áquelle em que completasse os quarenta e nove annos. Não chegou.

Luiz d'Almeida Coelho e Campos assentára praça em cavallaria a 16 de agosto de 1850, foi promovido a alferes em 4 de agosto de 1854, a tenente a 14 de setembro de 1864, e a capitão a 19 de junho de 1872, sendo um dos primeiros a subir ao posto de major.

Foi deputado em varias legislaturas, e elevado ao pariato em 1880. Como deputado, principalmente, pronunciou brilhantes discursos na respectiva camara; na camara alta já não pôde, pelo seu estado, tornar-se notavel.

Fez parte da comissão de limites entre Portugal e Hespanha, e era actualmente administrador delegado da companhia dos caminhos de ferro da Beira Alta.

Casara pouco tempo antes, a 27 de janeiro de 1879, com a ex.^{ma} sr.^a D. Laura Brandão da Matta, que lhe serviu de balsamo no seu derradeiro sofrer, e dois annos depois, sumia-se para sempre no pó do tumulo a 24 de fevereiro do corrente anno.

Depositamos sobre a sua campa uma lembrança e uma saude.

J. B.

RUINAS DA CASA DO ALFAGEME DE SANTAREM

Em o capitulo xvii da *Chronica do Condestavel* D. Nuno Alvares Pereira, lê-se o seguinte, salva a orthographia:

«Chegando o Prior e com elle Nun'Alvares a Santarem; Nun'Alvares foi bem aposentado em Santa Maria de Palhaes, e um dia á tarde, depois da cea, saio Nun'Alvares a folgar pela praia do Tejo, a fundo contra Santa Iria, e passou perante a porta de um alfageme que morava á cerca da praia, e viu-lhe ter ante a porta uma espada muito limpa e bem guarnida de seus guarnimentos, e tomou-a na mão e fez pergunta ao alfageme, se lhe corregeria assim uma sua, e elle lhe respondeu, que sim e muito melhor; e Nun'Alvares mandou logo por ella, e mandou-a dar ao alfageme que a corregesse. E em outro dia á tarde indo Nun'Alvares folgar per aquelle mesmo alfageme, e chegando á porta d'aquelle mesmo alfageme, viu já a sua espada estar corregida, bem e muito á sua vontade, e tomou-a na sua mão e foi com ella mui ledo, e mandou logo ao seu comprador que pagasse ao alfageme muito á sua vontade e o alfageme lhe respondeu: Senhor, eu por agora não quero de vos nenhuma paga, mas ireis muito embora e tornareis aqui conde d'Ourem e entam me pagareis. E Nun'Alvares lhe respondeu: não me chameis Senhor, ca o nom som, mas todavia quero que vos paguem bem. E o alfageme tornou a dizer: Senhor, eu vos digo verdade, e assim sera cedo, prazendo a Deus»...

E no capitulo lvi da mesma chronica, lê-se o seguinte, omitindo nós a parte semelhante á acima referida:

«Em Santarem havia um alfageme que morava na Ribeira a sob Santa Maria de Palhaes...»

«Este alfageme era caudaloso¹ e bem andante, e era mui chegado e liado com os castellãos,² em quanto em Santarem estiveram e era d'esto acoinado,³ assim como de nom ser portuguez; e tanto era com elles emburilhado que lhe chamavam scismatico, como n'aquelle tempo chamavam aos maos portuguezes. E por elle assim ser dos scismaticos, um escudeiro, quando el-rei vinha para Santarem, depois da batalha, lhe pediu os bens daquelle alfageme, e ainda o corpo por captivo; e como el-rei chegou a Santarem o escudeiro tomou logo posse dos bens do alfageme e o prendeu como seu captivo. E a mulher do alfageme como viu seu marido preso e os bens filhados,⁴ foi-se ao condestabre onde estava hi em Santarem, falou-lhe na razão que seu marido com elle houvera pola espada que lhe corregera, que lhe nom quizera paga, mas que lhe pagaria quando viesse a Santarem conde de Ourem; e que pois, a Deus graças, elle era conde de Ourem, e seu marido era captivo, e seus bens tomados, que lhe enviava pedir por mercê, que em paga da espada houvesse com el-rei que o mandasse soltar e lhe mandasse entregar seus bens. O Condestabre foi bem lembrado de todo o feito como se passara, e logo cavalgou e se foi a el-rei e lhe contou todo o que lhe acontecera com aquelle alfageme e lhe pediu por mercê, que, por sair de tal divida, lhe mandasse soltar aquelle alfageme e lhe mandasse entregar seus bens. E a el-rei aprouve muito e lhe fez mercê do corpo e dos bens do alfageme, pera desobrigar o Condestabre, a que tanto devia. E assim foi pago ao alfageme o corregimento da espada, que corregeo ao Condestabre, a qual paga por elle foi profetizada, grã tempo havia.»

Aqui está na sua mais singela e poetica narrativa a historia do Alfageme de Santarem, a situação da sua casa e a anecdota historica que lhe deu celebridade.

Se é certa a traducção ininterrompida, aquellas ruinas que a nossa gravura representa, são os restos venerandos da casa e officina onde o alfageme-propheta fabricava e corregia as espadas,

que tanto haviam de brilhar ao sol da independencia da patria.

D'aquellas singellas e rudes palavras nasceu o conhecido drama d'Almeida Garrett, onde o grande poeta aproveitou todas as circumstancias da narrativa, para dar cor, alma e interesse a uma das suas mais populares obras e que mais vezes foi gostada e applaudida—*O Alfageme de Santarem*.

Não sabemos o nome do alfageme, póde porém ser que um dia, entre os documentos de bens confiscados, se encontre nos registros de D. João I, apesar de estragados por Gomes Eannes d'Azurara, o nome do denunciante e o do armeiro propheta.

CAPELLA DE NOSSA SENHORA DA SAUDE EM MOÇAMBIQUE

Em um manuscripto do bispo de S. Thomé e prelado de Moçambique D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, feito em 1822, e extractado em 1859 pelo sr. José Vicente da Gama, no seu curioso *almanach civil ecclesiastico historico administrativo da provincia de Moçambique*, encontra-se o seguinte a respeito do templo que a nossa gravura hoje reproduz:

«A capella de Nossa Senhora da Saude, que no seu principio foi igreja dos Religiosos Capuchos, e hoje entregue á confraria do batalhão de infantaria por decreto de sua magestade de 22 de junho de 1819, está situada quasi no fim da cidade em sitio algum tanto elevado e agradável; é pequena tem um só altar; é pobrissima assim de vestimentos, como de ornatos interiores e exteriores. Depois que d'ella tomou posse a referida irmandade da tropa, que já passa de tres annos, nunca mais se abriram as portas, e é provavel que venha de todo a arruinar-se antes de muito tempo. Junto a ella ha um cemiterio murado, onde os defunctos do hospital, e os pobres da cidade se enterram.

Accrescenta o sr. Gama, que parece ser esta a capella a que Diogo do Couto chama ermida do Espirito Santo, construida sobre um rochedo sobranceiro ao mar, defronte da antiga fortaleza de Moçambique. A dita capella com a invocação de Nossa Senhora da Saude, passou a ser capella, do hospicio dos Religiosos Capuchos, e com a retirada d'estes para a Índia pertenceu ao estado.

Em 1801 o sr. Joaquim do Rosario Monteiro salvou-a de ruínas, reedificando-a á sua custa; e ficando perpetuada a sua memoria em uma lapide commemorativa que está collocada verticalmente na parede que sustenta o adro, entre os dois lances de escada que a elle conduzem. Em 1819 foi a capella cedida á confraria de S. Sebastião como acima diz o bispo de S. Thomé, servindo d'esde então de cemiterio aos soldados e pobres que fallecem no hospital militar. Posteriormente passou, com o cemiterio, a estar a cargo da Camara Municipal, e lá se encomendaram os corpos, até ha tres annos em que, com a construcção de um amplo cemiterio na ponta da ilha, dito de S. Francisco Xavier, se acabou com a prejudicial accumulção de cadaveres no pequenissimo recinto do cemiterio da Saude.

A capella da Saude como nol-a representa a gravura é um templo de architectura regular e elegante, levantado sobre um adro espaçoso, com uma dupla e ampla escadaria. Occupa a face meridional do antigo largo da Saude, que pelo lado do poente era occupado pelo vasto convento e igreja de S. João de Deus, e que ao Norte tem uma linha de casas particulares. Ao nascente corre-lhe a estrada que leva á ponta da ilha.

Ao centro d'este largo e assombreado por muitas e frondosissimas arvores, das que no paiz se chamam *tombe-tombe* e em Goa arvores das gralhas, mas a que os botanicos denominam *ficus indicus*, erguia-se, como na gravura vemos, um obelisco ou pyramide quadrangular de alvenaria, de sete metros de altura sobre uma base de dois metros, tendo no vertice uma coroa real de ferro. Em 6 de fevereiro de 1826 teve logar a pomposa cerimonia do alicerce d'este monumento, com assistencia do senado da camara, do capitão general Sebastião Xavier Botelho, em memoria do sr. D. João VI haver assumido os seus inauferiveis.

Ainda conhecemos este monumento que já hoje não existe: a coroa real foi derrubada pelas pedradas do inconsciente rapazio moçambicano, sem idéas algumas republicanas, cremol-o.

O obelisco foi em 1877 demolido para dar logar ao novo e vastissimo hospital geral que n'aquelle largo se está edificando, e que será de-

certo, quando concluido, um dos meliores de todas as nossas colonias e talvez da monarchia.

A invocação do cemiterio de Moçambique e a do de Nossa Senhora dos Remedios em Loanda, bem como a do occidental de Lisboa, deram logar ao proloquio tão vulgar entre os nossos marinheiros, e ao mesmo tempo tão original e significativo:

«Deus nos livre dos prazeres de Lisboa, dos remedios de Loanda e da saude de Moçambique.»

Augusto de Castilho.

EXPOSIÇÃO RETROSPECTIVA

DE

ARTE ORNAMENTAL

EM LISBOA

XII

Passemos á salla B. Estamos em plena Hespanha, e até ás vezes não falta alli a *habla* de Cervantes. O que falta sempre, ou quasi sempre são as gentis andaluzas, as bellissimas valencianas, as buliçosas e elegantes filhas do Mançanares.

Menos buliçosas, menos palradoras, mas não menos galantes enxameam ás vezes por alli algumas portuguezas, que fazem de quando em quando, e a alguns, distrahir a vista caçada de tanto metal, tanta madeira, e tanta seda.

Grandes cofres e outros moveis de estillo ogival, formosos e elegantes; por cima e aos lados armas e armaduras de varias epochas adornam a salla. Pratos e louças desde o periodo arabe, esmaltadas, mais ou menos finas, mais ou menos grosseiras, se ostentam n'uma grande vidraça.

Uma cruz funeraria de ferro, parece dizer-nos na sua simplicidade quanto andamos errados nas galas de que circundamos a morte.

Tambem alli ha pannos, paramentos, capas, um manto do seculo xiii d'um infante de Castella. Um pulpito ogival de madeira, parece da mesma epoca dos cofres. Uma grande collecção de thesouras de diversas epochas e feitos é uma das coisas singulares d'esta notavel exposição.

Em frente do pulpito achae uma bellissima e elegantissima balança romana, objecto de arte precioso e que mostra como os nossos antepassados sabiam cobrir de ornatos até os objectos de uso mais commum e grosseiro.

Do tecto pende uma grossa e grande alampada de estylo arabe, peça soberba, que é pena tenha algumas fracturas.

Ao canto ainda podereis ver em uma vidraça dividida em dois andares uma pequena, mas bella collecção de louças peruanas anteriores ao descobrimento e destruição do Peru pelos hespanhoes, collecção do mais alto valor archeologico, e outra de bronzes chinezes tambem notaveis e curiosissimos como tudo o que pertence ao celeste imperio.

Estas duas collecções não teem verdadeiramente relação com o objecto da exposição, mas tem toda com o da arte em geral e da archeologia em especial.

XIII

Pequena é a salla C, mas, por pequena, não deixa de conter objectos muito interessantes.

As vidraças do meio da casa encerram bordados a branco em varias fazendas de pontos, muito delicados e perfectos. São todos, se nos não enganamos, objectos de industria portugueza e sabemos que entre nós ainda hoje se borda excellentemente.

Achamos n'esta salla mais objectos relativos a paramentos, como casulas, capas, cortinas e outros, não podendo a gente distinguir entre tantos, qual é o mais bello, qual o mais primoroso.

Aos cantos d'essa salla quatro manequins ostentam quatro vestuarios; tres de senhora e um de homem. Um do tempo de Luiz XV, dois do tempo de Luiz XVI e um vestido de senhora do tempo da republica com sua respeitavel cauda.

Ainda não daria a nenhuma das nossas bellas o appetite de se vestir com aquella, ou aquellas modas? com varios dos trages de homem, que se patenteam n'essas sallas, sabemos que algumas formosas e gentis damas já envolveram as graças, de que a natureza para com ellas foi tão prodiga; tentem com os outros trages ligeiramente modificados, que a quem é formoso e elegante tudo fica bem.

(Continúa)

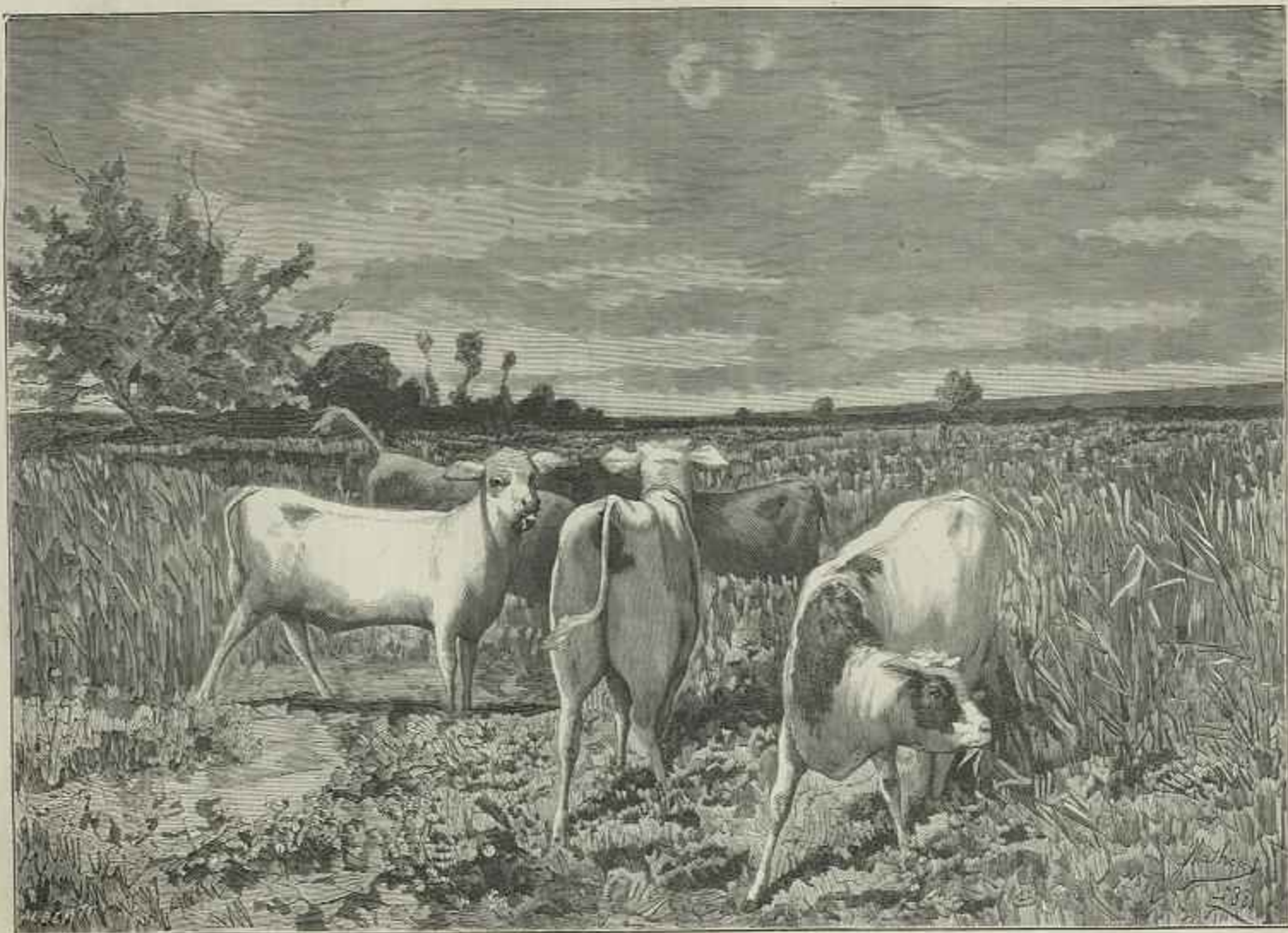
R

¹ Rico, possuidor de cabedais.

² Castellanos.

³ E-ta palavras não estão no texto, mas parece-mo que deviam de lá estar, porque sem ellas não ha sentido claro.

⁴ Tomados, sequestrados.



A SEARA INVADIDA.—Quilô de Fribul. Via. artigo Salão de Quadros a pag. 59 (Desenho do mesmo autor)

SALÃO DE QUADROS

IV

Excepcionalmente, vou abrir uma especie de parenthesis, em que me occuparei de alguns trabalhos magnificos de Silva Porto, dos quaes o OCCIDENTE se vê de todo em todo impossibilitado de publicar as reproducções, mas que merecem bem uma attenção demorada.

Filho do norte, Porto alimenta na sua alma e na sua palheta uma paixão entusiastica pela paysagem rica e exuberante do Minho e do Douro, — paixão que, pelo mesmo motivo poderoso, me commove e encontra em mim um echo vibrante! Quasi todos os melhores estudos e quadros de paysagem que elle tem pintado desde que se acha entre nós, foram tomados, pelo verão, nas nossas provincias do norte, desde as margens do Mondego até ás margens do Minho; e quando enfim a sombra amiga das grandes arvores e o ruido fresco dos pequenos rios, chegam a consolal-o bucolicamente da semsaboria urbana e arida de Lisboa e seus arredores chatos e desolados, elle approxima-se ainda de uma praia minhota, e pinta-nos um quadro soberbo como a *Praia da Povoia de Varzim* (n.º 47). O dia é bello, um socego ridente de sol espalha-se sobre a extensão ondulada do mar, que se alarga infinitamente á esquerda, sobre o areal immenso, que toma a outra parte da tela, e pela atmosphera azul, onde só lá ao longe, no horizonte, se immobilizam algumas nuvens esfumadas, de uma brancura muito vazia, onde ás vezes ha tons quasi negros, e outras vezes tons levemente cor-de-rosa. As aguas, azuladas ao longe e esverdeadas no primeiro plano, são sempre tocadas com uma perfeição brilhante; mas o que sobretudo me encanta é o modo por que está tocada a onda espumosa, que

se enrola vistosamente, avançando para a areia molhada, — a qual realmente, se deve sentir bem sob aquella inundação rumorosa e branda! Ella tambem, a areia molhada, na sua longa orla recortada e saliente, é de uma verdade inexcidível. Depois, ha sobre o areal um ajuntamento confuso e movimentado de mulheres de pesca-

olhar sereno, um ar lasso e socegado, posta n'um descanso apetecido, os braços descabidos; na cabeça tem atado um lenço velho, d'um escarlate escuro picado de floritas brancas, e um outro, amarrotado e pouco vistoso na sua brancura duvidosa onde pequenos ramos amarellados se recortam, abraça-lhe os hombros, indo cruzar-se



LUIZ DE CAMPOS — Fallecido em 25 de Fevereiro de 1883
(Segundo uma photographia de Fillo)

AFRICA PORTUGUEZA



MOÇAMBIQUE — CAPILLA DE NOSSA SENHORA DA SAUDE (Segundo uma photographia)

dores, com os seus trajos grossos de serguilha, em cuja negrura continuada se fere a espaços a nota viva e pittoresca dos lenços vermelhos e amarellados; e mais para cima, vão-se alastrando pesadamente muitos barcos, grandes e toscos, grosseiros, todos pintados d'um vermelho escuro, onde se desenhão letras cabalisticas e nomes indecifraveis. Todo este quadro enorme, de uma execução larga e primorosa, attrae-nos e como que nos domina, pela sua serenidade tão simples e consoladora.

Passo pela admiravel tela, a *Charneca*, — extensão interminavel, nua e melancholica, em que Silva Porto quiz mostrar bem como sabe facilmente vencer todas as difficuldades miudas de execução, e em que revela mais uma vez o poder maravilhoso da sua retina, pelo *portinho d'Arrabida*, quadro d'uma simplicidade grande e antiga, e em que a natureza parece resonar sob o calor suffocante; por uma infinidade deliciosa de quadros e estudos, em que ha confusões de verduras frescas, barcos tombados á borda de rios azulados, mosteiros caídos perdidos em verdenebras solidões contemplativas, viellas de aldeia, acanhadas e sujas, lagos sulcados por cysnes arrogantes, portas rusticas de fazendas, isoladas e simples, canaes venezianos cobertos de sol, e manchados de gandolas e grandes navios pretos, — e chego enfim ao pintor de genero. No meu segundo artigo já tratei da bella cabeça *Costume da campanha romana*; fallo agora d'outra tambem magnifica — *Costume de Capri* (n.º 59).

E uma rapariguita muito morena,

desleixadamente sobre o peito, e deixando-nos ver todo o seu magro pescoço queimado. O pincel feliz e habil não hesitou um só momento ao tocar este pequeno estudo captivante; tudo é d'uma frescura incomparavel, e o tom geral d'aquella cara trigueira e sympathica, de pobre plebeia descuidada, é realmente de uma felicidade surpreendente.

Outro quadro muito notavel e d'um genero completamente diverso, a *Vendedeira de laranjas*, costume do Minho (n.º 61). Um rude typo de portuguezinha minhota, sentada commodamente atraz do seu largo cesto cheio de laranjas, e debaixo de um enorme guardasol azul, de grossas varetas espaçadas, o qual se arredonda sobre a brancura intensa de uma parede caiada mordida fortemente pelo sol. É uma tela cheia de luz, e em que é preciso admirar especialmente a espontaneidade vigorosa e certa do toque, que primou sobretudo na execução do lenço vermelho com ramagens brancas, que a mulher tem largamente cruzado no peito. Mas este pouco apparatuso costume do Minho, lembra-me um estudo de outro costume esplendido, tomado em Santa Martha, perto de Vianna. Tenho-o visto repetidas vezes no *atelier* de Silva Porto, e nunca me farto de o admirar deliciosamente.

Um extenso campo coberto de vegetações possantes desenrola-se, todo alagado de sol; e no primeiro plano d'este campo alegre, ligeiramente esboçado, apparece-nos uma bella rapariga, em pé, toda fresca e brilhante de trajos muito garbados, d'uma originalidade picante e fascinadora. Saia, corpete, lenços — tudo vermelho! Tem um avental magnifico, semelhante a um mosaico vistoso, arranjado com gosto de pequenos retalhos de finas lãs multicolors; da cintura aos peitos abundantes a metade do corpete justo e elegante, é de velludo preto; e as mangas arregaçadas da camisa são d'um bom linho alvo. No pescoço tem enroscados uns poucos de cordões grossos, d'ouro, e das orelhas pendem-lhe grandes arrecadas luzentes. Naquella cara bonita e risonha, pinta-se ricamente uma bella expansão de saúde e de vida opulenta; e são bastante appetitosos aquellos olhos negros e pastanudos, quasi fechados sob a aggressão viva d'um sol atrevido, galanteador. Todo o corpo robusto da rapariga, d'uma acre belleza campezina, dobra-se um pouco sobre o lado direito; e o braço esquerdo passa-lhe por cima da cabeça, agitando afadigadamente uma larga joeira, sustentada pelo outro braço valente.

Emfim, o pincel embriagado de cor e de sol, tocou rapidamente este bello estudo com uma espontaneidade admiravel, espalhando jubilosamente aquella profusão franca de tintas intensas em tonalidades brilhantes, luminosas, que encantam e seduzem — como a propria rapariga retratada.

Monteiro Ramalho.

UMA TOURADA EM LIMA NOS TEMPOS COLONIAES

Pelas dez horas da manhã começaram as ruas a cobrir-se de mulheres tapadas e casquilhos empoados.

A saia então em uso limitava o passo da airosa limenha, e no andar deixava-se ver a finura de um corpo flexivel e a delicadeza de um pé encantador.

Eram muito singulares os costumes de Lima, n'aquelle tempo.

A saia e o manto constituíam o traço ordinario da mulher que saía de casa durante o dia.

Nos passeios, nas procissões, nas suas diversas diligencias, o manto occultava-lhe o rosto, deixando-lhe apenas descoberto um olho com o qual tudo via sem ser vista.

Se não fosse a noite, em que esses dois objectos eram substituidos por um elegante roupão ou vestido e um toucado caprichoso, poder-se-ia afirmar que a mulher era desconhecida para os que andavam na rua.

Este costume, um pouco parecido com o das persas, não só permitia que a travessa limenha gozasse de plena liberdade nas acções e necessidades do coração, do vicio ou da curiosidade; contribuía tambem, em grande dose, para a conservação da belleza do rosto.

A pallidez era um atractivo, e aquellas tentadoras creaturas conseguíam conservar essa cor, pondo a sua cutis ao abrigo da acção do ar. A exageração do systema ia mais longe. Ellas não só se preservavam do ar, do sol, mas até da luz forte.

Assim, não recebiam durante o dia; as suas salas só se abriam ao toque da oração.

Andava-se pelas ruas á procura de uma mulher bonita, e não se encontrava.

Olhava-se para as janellas, para os balcões, e as persianas detinham o olhar indiscreto que quizesse penetrar no santuario; mas, detraz das persianas, estavam ellas, que observavam tudo que passava pela calle.

O transeunte julgava que ninguem o via; e era visto por mais olhos que os que se poderiam presumir n'uma multidão.

Claro é que este juizo só poderia ser feito por aquellos que nunca houvessem visitado o paiz.

O indigena, o bisnáo, esse passava indifferente por diante das casas, e só parava aonde residia a bella que o enfeitára.

Ella não se fazia esperar; porque, tão depressa o divisava, abria cautelosamente o postigo da gelosia e enviava-lhe um sorriso e um cumprimento.

Se a *mamita* estava entretida lá para o fundo da casa, ou tinha saído, ou se achava doente, a *salerosa* Julietta dizia ao seu Romeu: *pasad adentro* — e o par aproveitava um momento de liberdade para fallar dos seus amores.

Outras vezes cahia da janella um bilhete, que o feliz mortal apanhava com todo o disfarce, para não ser visto... senão por aquellos que tinham os olhos n'elle, que não seriam poucos.

Vinha aqui de molde a relação de uma engraçada scena, que se deu, não ha ainda muitos dias, n'uma das principaes ruas de Lisboa.

Acabara eu de ler a dois moços amigos, grandes entusiastas de touradas, a primeira parte de um opusculo que me chegara ás mãos na vespéra, intitulado: *Duas palavras acerca das corridas de touros, seguidas de um regulamento para o trabalho das pegas*... e ouvia a opinião desinteressada d'elles, os elogios sinceros que faziam ao auctor, quando...

É realmente uma historia interessante!...

Mas, não cortemos o fio do nosso discurso.

Exteriormente, os edificios tinham a apparencia de uma clausura; mas, na realidade, eram o contrario.

Assim como debaixo do manto se occultava uma linda physionomia, do mesmo modo, ao abrigo de um feio frontispicio, se encontravam habitacoes magnificas.

Transpondo-se os umbraes, dava-se com as paredes do pateo cobertas de quadros ou frescos, reproduzindo historiolas profanas ou religiosas.

Em frente da porta da rua, um espaçoso corredor, para o qual se subia por alguns degraus, conduzia ás salas que estavam adornadas com todas as pompas da epoca.

Na antesala havia, ordinariamente, uma rede elegante, na qual a dona da casa se deitava voluptuosamente, para dar audiencia aos adoradores de confiança.

Era o berço onde se embalavam os primeiros annos da juventude, e se acalentavam os sonhos do amor.

Mas de todos os costumes limenhos, o mais original, o mais gracioso era a saia.

Ella servia para disfarçar as esposas que espiavam os seus maridos; ella servia para desfigurar aquellas que os castigavam, correspondendo ás seducções dos conquistadores...

Escusado é dizer que o numero das ultimas era muito inferior ao das primeiras.

Mas, era um traço commodissimo!

O que não dariam algumas damas que eu conheço, para que similhante moda fosse implantada entre nós! O que não fariam ellas...

Ora, o tempo corria, e os grupos ambulantes cruzavam os portaes em direcção á praça do Acho.

As veredas não podiam ser transitadas em sentido opposto ás que seguia a população.

O centro das ruas era occupado pelos coches e caleches.

Os coches, com riquissimas douraduras, eram arrastados, uns por duas parellas de cavallos, outros por uma, e alguns por parella e meia, segundo auctorizava o regulamento da aristocracia.

Os cocheiros e creados da taboá, vestiam á usança de Luiz XIV.

Assim conduzidos, os magnates mostravam-se inflamados de orgulho, como se fossem uns Césares ou Napoleões. Mal se dignavam abaixar a cabeça aos conhecidos que viam pela vereda.

Mas, que grande honra para o que era cumprimentado por um nobre! Todos que seguiam perto do favorecido, sahiam logo do caminho para lhe ver a cara; e quando, duas ou mais pessoas, cortejavam ao mesmo tempo, suscitavam-se fortes disputas sobre quem recebera aquelle beneficio de tão alta estima...

Bellos tempos aquellos! Já não voltam, não.

A cidade ficava só, solissima nos dias de funcção d'esta natureza.

O povo seguia o seu curso na ordem indicada, quando de repente se ouviu o grito: *passo al Virey!*

Um tropel de cavallos abria a marcha com soldados bem vestidos, que formavam a escolta.

No centro d'essa tropa rodava um coche tirado por tres parellas de soberbos cavallos, cobertos com mandis bordados de ouro e lentejoulas.

A voz de — *passo ao vice-rei* — parou o grande concurso, os trens dos particulares abriram caminho, e o representante do monarcha hespanhol passou saudando o povo.

Logo que o coche passou, todos os outros seguiram atraz da comitiva real, até á praça do Acho.

«La plaza del Acho, diz o meu auctorizado guia, estava como hoy se conserva, del otro lado del rio Rimac. Todas las avenidas de las calles convergian á la que conducia al único puente que habia para pasar el rio. Pasando este, se seguia por otra calle que tuercie al oriente, la cual desembocaba en una alameda de sauces enormes, formada al lado del mismo rio, la cual terminaba en una esplanada, siendo ocupado uno de sus costados por el frontis de la plaza de toros.

«La configuracion de este centro de diversiones, es el de un octógono, circundado de gradearias colocadas en antiteatro, las cuales descansaban en palcos bajos defendidos por un parapeto y terminaban en galerias de palcos altos.

«En uno de los costados, mirando al frente de la puerta que daba salida á los toros, se encontraba un espacioso palco descubierta, destinado para el Virey.

«La parte esterna de este edificio era provisto de corredores y pasillos para facilitar el tránsito de la concurrencia; y era en ellos donde se collocaban las vendedoras de frutas, bebidas y comestibles criollos.

«Habia capacidad para quince mil espectadores.»

«Una funcion de toros» — isto, decerto, não deixará de surprehender o auctor do recente opusculo acerca das corridas — «una funcion de toros era una fiesta á mas de popular, official. Por el reglamento que existia, era obligatoria la asistencia de una compañía de cada cuerpo del ejército con la banda de música del batallón ó regimiento.

«Estas tropas tenian un lugar destinado, que ocupaban despues que el Virey entraba á su palco.

«Quando este se encontraba rodeado de la corte y guardias, los concurrentes que se entretenian en galantear á las tapadas y sostener combates de dichos agudos y picantes, acudian en tropel á tomar sus puestos, y se hacia el silencio.»

Entre nós, quando apparecia a auctoridade, succedia justamente o contrario.

«D'antes, as touradas na praça do campo de Sant'Anna, diz o auctor do interessante folheto acerca das corridas de touros, eram umas funcções menos policíadas, mas mais alegres. O publico do sol gritava meia hora antes da corrida e batia desalmadamente na trincheira, que hoje é muralha, mas que d'antes era de madeira e chamava-se a segunda trincheira. Agitava-se, asobiava e — quando apparecia a auctoridade do brava a cantiga. Era um verdadeiro charivari, uma bulha infernal, que continuava sempre alimentada e progressivamente desenvolvida, pela variedade de bebidas, que não só se vendiam na trincheira, mas que os espectadores tinham tambem o bom cuidado de levar, para refrescar as guellas e estarem sempre promptos para os momentos mais solemnes. A gritaria dos espectadores, juntavam-se os pregões dos vendedores de licor, doces e ovos cozidos.»

(Continua.)

Francisco de Almeida.

ACTUALIDADES SCIENTIFICAS

CONSERVAÇÃO DOS CADAVERES PELA PETRIFICAÇÃO

A idéa de conservar os cadáveres pela petrificação não é propriamente uma novidade.

Já o dr. Adriano Ernesto de Castilho Barreto, no seu livro — *As vinte e cinco prisões* — publicado em 1845, nos dizia assim:

«Quando ha poucos tempos morreu com o italiano Girolamo Segato o segredo de reduzir as partes e substancias animaes á consistencia do marmore, julgou-se impossivel uma tal maravilha, aliás demonstradissima por muitos factos; e

muitos ainda hoje a reputariam tal, se o preparador do museu de Vienna d'Austria, Baldaconi, não acabasse de publicar o mesmo ou outro methodo para se conseguir tal resultado.»

Jeronymo Segato é effectivamente o iniciador da idéa de conservar os cadaveres pela petrificação.

Enthusiasticamente dedicado ao estudo das sciencias naturaes, e ansioso de profundar investigações n'este curiosissimo ramo de conhecimentos humanos, Segato pouco mais contava de trinta annos de idade quando entrou n'elle a pronunciar-se, como desejo irresistível, a ambição de ir n'uma viagem pelo Oriente, explorar aquellas regiões do hieroglyphico, ainda hoje tão enigmaticas e mysteriosas, ainda hoje tão symbolisaveis pelas figuras mythicas de suas esphinges, ainda hoje tão fascinantes se as encaramos com relação ao vastissimo horizonte que forçosamente algum dia hão-de patentear-nos no campo da sciencia historica ao desvendarem-se affim segredos, atraz dos quaes labuta incançavel e teimosa a pesquisa dos labios.

O naturalista Jeronymo Segato, em sua excursão scientifica atravez do Egypto, teve occasião de internar-se aventurosamente pelo deserto.

E foi n'este ponto da sua interessante viagem que se lhe suscitou a idéa de conservar os cadaveres sujeitando-os a processos de petrificação.

A eventual circumstancia de encontrar em seu tracto varios corpos mumificados na areia — fez-lhe pensar, que talvez, fosse possível reproduzir artificialmente, por adequados meios chemicos, aquelle curioso phenomeno que alli se lhe deparava realisado pela natureza.

Quando mais tarde regressou á Italia, sua patria, Segato havia cabalmente resolvido o problema.

Annunciada que foi ás academias scientificas sua importante descoberta, de toda a parte o felicitaram as aclamações e os applausos dos sabios, — e o seu nome ficou d'ahi em diante gloriosamente inscripto entre os benemeritos da sciencia.

Mas a verdade, a triste verdade é que o illustre naturalista desceu ao tumulo sem ter tempo de legar aos posteros o secreto processo da sua maravilhosa descoberta.

Segato, a quem não superabundavam bens de fortuna, e que desejava aproveitar aquelle providencial recurso do seu invento para d'elle usufruir os meios com que proseguir em seus estudos e investigações, Segato resolveu vender o seu segredo.

Mas... ninguem se achou com animo de comprar-lh'o!

Não houve academia, não houve governo até,

SAPATOS DE DEFUNCTO

(Continuado do n.º 118)

E ao conego duia-lhe muito, sempre que tinha de dar alguma coisa que não fosse a benção aos seus irmãos em Christo.

Ainda assim quantas vezes não succedia ter mais vontade de lhes dar com um pau.

Tentações do diabo; fraquezas do quebradiço barro!

Emfim, estava-lhe a pesar na consciencia o merceeiro, e por isso dirigin-se a elle, e perguntou-lhe:

— Então não vae um bolinho?

— Qual bolinho? eu não me engodo com bolos.

Era grosseria de marca, mas emfim como elle apanhava a horança, sentia-se disposto a perdoar tudo.

Voltou-se ceremonioso e adocicado para a esposa do merceeiro e repetiu o mesmo offercimento que fizera ao marido.

Não foi mais feliz.

Ella respondeu-lhe com um desembaraço de colareja.

— O meu estomago não se dá bem com essas comidas.

Ô mulher, gritou de largo o sr. Antonio Dourado abrindo muito a bocca, agora a proposito de bolinhos, lembrame uma coisa.

O conego afastou-se, e o merceeiro desceu até junto da esposa.

— Tive uma idea, sim, tive cá um palpíte, cá uma coisa...

— Acaba, homem, o que é?

— Não te recordas da sr.ª D. Monica te dizer em vida que tinha ali na gaveta da mesa da cabeceira uma coisa para ti?

— E' verdade, exclamou ella com estudado espanto, é verdade.

que em troca de tão surpreendente descoberta facultasse ao seu desditoso auctor a insignificante verba por elle pedida de 30 mil libras (5:0008000 reis proxivamente).

E acerca de tao importantes trabalhos a unica noticia que ficou foi um opusculo publicado em Florença pelo bacharel Pellegrini no anno de 1835 (pouco antes de Segato fallecer). Intitula-se esse opusculo: *Arte de tornar inalteraveis e duros como pedra os corpos dos animaes, segundo o processo descoberto por Jeronymo Segato.*

Segato levára consigo para a sepultura o segredo do seu prodigioso invento: mas ficara o fermento da idéa; ficara o estímulo para novas experiencias e tentativas; ficara o campo aberto e por assim dizer talhado o rumo para novas investigações e pesquisas.

A industria humana acabou por descobrir processos multiplos conducentes ao mesmo resultado.

Hoje a conservação dos cadaveres pela petrificação é uma verdade adquirida para a sciencia e aproveitada em muitos amphitheatros de dissecação anatomica para exemplares de estudo.

Entre os diversos especialistas que cultivam actualmente esse importante ramo de industria, sobresae notavelmente o professor Etisio Marini (de Cagliari), — um sympathico mancebo que na pratica incessante do laboratorio tem consumido os melhores annos da sua vida.

O gabinete do dr. Marini é um verdadeiro museu; n'elle se acham expostas as mirificas demonstrações da perfeição a que praticamente chegou aquelle estudioso investigador.

Submettido ao processo do dr. Marini, qualquer cadáver adquire a consistencia do marmore apar da incorruptibilidade.

Olhando-se para qualquer dos exemplares admiravelmente preparados pelo distincto professor, ninguem julgará que está alli um morto; antes se dirá uma pessoa tranquillamente adormecida; desaparece a hediondez cadaverica; fica apenas a natural immobidade de quem dorme.

E, apar da rigidez marmorea, Marini possui ainda o segredo de imprimir aos seus preparados a diaphaneidade propria de um corpo vivo. Observando por transparencia, mediante o auxilio de uma luz convenientemente disposta, qualquer pé, qualquer mão, qualquer órgão ou tecido que por sua natureza se preste a semelhante exame, reconhecer-se-lhes-ha perfeitamente distincta e conservada, como na mais delicada e nitida das preparações anatomicas, a disposição arborescente das arterias e das veias, a estrutura dos musculos, a distribuição dos nervos.

O professor Marini em seu methodo de conservação emprega dois processos diversos.

O conego surpreendido inquieto, deixou-se de cerimoniais.

Atirou com a bandeja e os bolos para cima da mesa, e clamou:

— E' verdade, o que?!

Dahi muito sofregamente affirmou logo que tudo quanto estava d'aquellas portas para dentro, era seu.

Regedor e escrivão ambos de copo em punho assim o confirmaram.

Elles eram ali os representantes da lei e da ordem.

Mas o merceeiro que chegara emfim ao seu periodo de explosão, triumphante avançou para elles, formidavel de energia, bateu com os pés no sobrado, e berrou:

— Isso veremos, veremos!

O espanto foi tal, que até Joanna cessou de chorar.

Que haviam elles de ver?

X

Um pensamento sinistro atravessou de subito a escandecida cabeça do conego Salgado.

Presentiu que andava moiro na costa, ou coisa peor do que isso, judeu, o desalmado rabino do merceeiro!

— Nada, dizia o sr. Dourado, d'aqui já não saio sem que vejamos a mesa da cabeceira.

A mulher respondia-lhe apparentando um grande desinteresse e uma grande repugnancia.

— Eu é que não vou lá, tenho medo, faz-me pavor.

— Mas vou eu.

— Vamos nós, accudiu o conego.

— Pois vamos,

Os dois entraram no quarto da defuncta, e voltaram pouco depois com a mesa.

Por um d'elles consegue, como fica dito, impedir nos corpos o desenvolvimento da putrefacção, dando-lhes simultaneamente condições permanentes de rigidez marmorea. Tais preparados podem indefinidamente resistir ao decorrer dos annos.

O outro processo é o destinado para as peças que apenas cumpre conservar provisoriamente; provisorio é tambem para ellas o estado de indurecimento, porque dura apenas o tempo em que se pretende conservar exempto da putrefacção o respectivo corpo. Assim preparado, póde qualquer cadáver, ou qualquer peça anatomica, readquirir, logo que se deseje, o seu primitivo estado de frescura, flaccidez e flexibilidade, tal qual possuia antes de ser artificialmente indurecido. Concebe-se, de prompto, quanto este engenhoso processo se torna praticamente proveitoso no campo da medicina legal e que importantes serviços elle póde prestar ás averiguações da justiça.

Este systema de indurecimento provisorio encontra ainda varias outras applicações sob o ponto-de-vista industrial, — por quanto o professor Marini, entusiasmado pelos bellissimos resultados a que logrou chegar, buscou tambem o meio de tornar extensivo o seu invento á conservação dos artigos alin.entícios.

D'est'arte, pois, se conservam perfeitamente as carnes e os legumes; — e, quando d'estas substancias assim preparadas se pretende fazer uso para refeição, de prompto se lhes restituem suas primitivas condições de frescura, immergindo-as durante um curto espaço de tempo n'um simples banho de agua quente.

Custa apenas uma lira (proxivamente uns oito vintens em moeda portugueza) a preparação de um cadáver, quando só por alguns mezes se deseje que elle possa affrontar os riscos da decomposição!

Pretendendo-se que os corpos conservem indefinidamente com a rigidez marmorea a elegancia artistica de que dão mostra os primorosos exemplares expostos no gabinete-museu do habil preparador, claro está que a despeza é consideravelmente mais avultada; — mas, para occorrer ás commodidades do estudo nos amphitheatros anatomicos ou ás conveniencias da justiça nas melindrosas averiguações dos exames medico-legaes, serve de sobejo o mais barato dos indicados processos, — tão barato que chega a ser fabuloso! E n'este campo, especialmente, que se tornam assombrosamente recommendaveis por sua incontestavel utilidade os importantissimos trabalhos do sabio professor de Cagliari.

Navier da Cunha.

A gavetinha de que o merceeiro fallava estava fechada, e por quisilia não appareciam as chaves d'ella.

Forte enguigo!

O conego nem já era salgado nem insonso, estava azedo, mais azedo que o limão.

— Arromba-se a gaveta, lembrava o regedor.

O escrivão assoprava a fechadura, e escarafunchava-a com um prego torcido.

— Deixe lá isso, que me estão escangalhando o movel, herrava o padre.

— Se escangalhar, pago eu, gritava o merceeiro.

— E' melhor chamar quem entenda.

— D'isto entendemos nós todos, querem ver?

E sem dar tempo a nada, elle com dois murros fez saltar immediatamente os tampos á gaveta.

Espalharam-se logo pelo chão alguns papeis.

O conego e o merceeiro precipitaram-se sobre elles, como gato a bofes.

Um d'esses papeis estava lacrado em forma de testamento, e foi acto continuo agarrado por ambos.

— Largue, largue, dizia um.

O outro retorquia-lhe com voz tremula:

— Deixe ver, deixe ver.

— Olhe se o rasga, meto-o na cadeia!

A mulher do merceeiro veio collocar-se entre os dois:

— Ô menino tem juizo, não te percas.

E sacudindo os braços, dizia pondo as mãos na cabeça:

— Ora não ha, nunca se viu uma coisa assim!

O regedor, tambem se approximara recommendando prudencia, e dizendo que não era bonito aquillo, nem estava proprio.

(Continúa)

LEITE BASTOS.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

BIBLIOTHECA DO POVO E DAS ESCOLAS.—*Noções de musica*, segundo anno, quarta serie. Lisboa, David Corazzi, editor, Empreza Horas Romanti-

cas, 40, rua da Atalaya, 54—1882.—Numero 26. — É muito importante este objecto, porque forma a musica um dos melhores adornos da educação. Não achamos, porém, que os preliminares estejam bem expendidos, parecendo fundarem-se principalmente no livro de Laureti, porque ainda se ensina no nosso conservatório, e que é uma das mais detestaveis artes,—se arte se pôde chamar aquelle apontado—de musica que conhecemos. Felizmente, no restante do fasciculo levanta-se um tanto a importancia do assumpto.

cada vez mais, porque cada um traz no seu seio o germen dos que se lhe succedem. A par de nomes, ainda geralmente pouco conhecidos, encontramos já nas paginas da *Revista* outros muito e largamente apreciados pelo publico, pelos seus trabalhos, prestança e infatigabilidade. Occupa-se esta *Revista* principalmente das sciencias physicas, chemicas, biologicas, psy-

onde se observa uma viveza e um gosto pouco vulgar.

O sr. Alberto d'Oliveira, conseguindo pôr em pratica a sua ideia, merece todo o louvor, pela maneira como a realisou e apresentou ao publico, que estamos certos acolherá a *Chronica Illustrada* com o favor que ella realmente merece.



RUINAS DA CASA DO ALFAGEME DE SANTAREM (Desenho do natural por Malhos)

cas, 40, rua da Atalaya, 54—1882.—Numero 26. — É muito importante este objecto, porque forma a musica um dos melhores adornos da educação. Não achamos, porém, que os preliminares estejam bem expendidos, parecendo fundarem-se principalmente no livro de Laureti, porque ainda se ensina no nosso conservatório, e que é uma das mais detestaveis artes,—se arte se pôde chamar aquelle apontado—de musica que conhecemos. Felizmente, no restante do fasciculo levanta-se um tanto a importancia do assumpto.

REVISTA SCIENTIFICA, redacção Ricardo Jorge, Miguel Arthur, e Candido de Pinho—Porto Livraria Universal de Magalhães e Moniz, editores, 12—Largo dos Loyos.—É o primeiro anno da publicação d'este periodico, cujo primeiro numero saiu a lume em janeiro, seguindo-se os immediatos em fevereiro e março. Com o desenvolvimento que tem tomado o estudo das sciencias, parece que faltava uma publicação onde se podessem manifestar, agrupar e analisar todos os vastos productos e descobrimientos do espirito humano, nomeadamente hoje, que elles se succedem com uma rapidez vertiginosa, que o será

chologicas e sociologicas; e assim contém já varios artigos onde alguns factos ou principios fundamentais de algumas d'ellas são largamente tratados e bem assim achamos algum ponto de economia politica e de ethnologia tambem desenvolvido. Cada fasciculo termina sempre por um ou mais artigos de analyse critica.

Para o nosso meio scientifico é esta revista um milagre, sendo para desejar que ella continue os seus prestimosos serviços; ousaremos porém recomendar mais alguma correcção de linguagem.

CHRONICA ILLUSTRADA—proprietario gerente Alberto d'Oliveira, Lisboa. É uma publicação graciosa e elegante, com toda a frescura da mocidade que a produz, saída do mesmo meio d'onde, ainda ha pouco, saiu uma outra manifestação de vida e de talento, que o publico teve occasião de ver e apreciar na sala da Sociedade de Geographia de Lisboa, a exposição de quadros, brilhantes scintillações de almas que se animam na cultura do bello.

A exposição fez-se e foi uma revelação, a *Chronica Illustrada* ahí está e não é decerto uma revelação inferior á d'aquella, porque exuberantemente o prova o brilhantismo das suas paginas,

ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente:
A mulher do velho reluz como espelho.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

1882, LALLEMANT FRÈRES, Typ. LISBOA
6, Rua do Thesouro Velho, 6

VIAGEM Á RODA
DA
PARVONIA
PELO COMENDADOR
GIL VAZ

Anotado pelos principaes escriptores.

Illustrações de Manuel de Macedo
A obra de mais fina critica dos tempos modernos.

Á VENDA
NA
EMPRESA DO OCCIDENTE
PREÇO 500 RÉIS

Envia-se para as provincias franco de porte.

ALMANACH ILLUSTRADO DO OCCIDENTE
PARA 1882

EDIÇÃO PARA PORTUGAL E EDIÇÃO PARA O BRAZIL

PUBLICADO PELA EMPRESA DO OCCIDENTE

Illustrado com mais de 50 gravuras portuguezas e uma linda capa em chromo-lythographia

É o almanach mais elegante que se tem publicado em Portugal, e é uma completa novidade.

PREÇO EM LISBOA. 240 RÉIS

Á venda em todas as livrarias e em casa dos srs. correspondentes d'esta empresa.

Para as provincias envia-se pelo correio a quem remetter 265 réis em estampilhas á **Empresa do Occidente**, rua do Loreto, 43—Lisboa.

CAPAS CARTONADAS
PARA ENCADERNAÇÃO DO

OCCIDENTE

A Empresa do OCCIDENTE tem á venda capas especiaes para encadernação em separado de cada um dos volumes do OCCIDENTE, 1.º, 2.º, 3.º e 4.º

PREÇO DE CADA CAPA 800 RÉIS

Para fóra de Lisboa enviam-se francas de porte a quem remetter a sua importancia em estampilhas ou vales do correio.

Recebem-se volumes para encadernar n'estas capas por 1\$200 réis.